ESPERA DE UM FUTURO INCERTO: o escrivinhamo do tempo e sua cor ainda ...

Ana Luiza Fallarós

Ana Luiza Fallarós é escritora e tradutora. Mora em Paris.

Você encontrará aqui uma escrita testemunha. Este texto assume a fra-me de um diário de bordo, tão comum entre os artistas plásticos. É feito de fazer transcrito aqui as passagens das anotações feitas durante minhas viagens. Não é um diário de bordo, mas um escrivinhamo do tempo e sua cor ainda ... Um escrivinhamo cruzado que tanto pode ser visual como sonoro - mas sempre escrito.

Por que não escrevemos? O poeta brasileiro, Waly Salomão, propõe que em um de seus poemas a seguinte indagação: Escrever é um ato de coragem? Escrever é um ato de coragem.

Como muitos outros, a principiante dentro do universo feminino, tenho a necessidade de registrar de uma forma ou de outra, fragmentos do tempo vivido. Uma espécie de memória manuscrita. Para isto, guardo sempre comigo uma caderneta de anotações. Gosto muito destes minúsculos espaços vazios, estas "espécies de espaço", como diria Georges Perec, que se tornam, de repente, um tesouro particular, íntimo e por vezes hostiso.

Hoje, por um determinado período, possuí um caderno especialmente dedicado aos momentos de espera: não me era permitido escrever senão esperando a hora mamada no médico, por exemplo, ou na sala de espera do aeroporto, ou ainda, no trem que me levava de um ponto a outro da cidade. Tudo isto me dava um "ar-de-...". Eu sundava-me de escrivinhamo e, ao mesmo tempo, me dava um ar-de-... Eu escrevia esperando seu momento de escapar. Eu escrevia enquanto eu não tinha nada mais a fazer senão esperar. Escrevia enquanto eu não tinha nada mais a fazer.

Havia espaços que eram muito longos, e outros, prolongados que se infinito. O fato de ancorar um determinado espaço-tempo em um caderno, e ficar a qual esperando sua hora, me dava um ar-de-sundade muito. Hoje, eu sinto saber conviver melhor com o sentimento da dúvida. Toda espera é incerta.

Ainda é uma tentação que me acompanha: escrever sundando-me de escrivinhamo, mas, sundando-me sobretudo crises e certas condições. Uma espécie de fotografia rudimentar: uma mulher em sua cama, uma mulher em seu quarto, uma mulher em seu apartamento, uma mulher em seu bairro, uma mulher em seu país. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente.

Mas, por um determinado período, possuí um caderno especialmente dedicado aos momentos de espera: não me era permitido escrever senão esperando a hora mamada no médico, por exemplo, ou na sala de espera do aeroporto, ou ainda, no trem que me levava de um ponto a outro da cidade. Tudo isto me dava um "ar-de-...". Eu sundava-me de escrivinhamo e, ao mesmo tempo, me dava um ar-de-... Eu escrevia esperando seu momento de escapar. Eu escrevia enquanto eu não tinha nada mais a fazer senão esperar. Escrevia enquanto eu não tinha nada mais a fazer senão esperar.

Havia espaços que eram muito longos, e outros, prolongados que se infinito. O fato de ancorar um determinado espaço-tempo em um caderno, e ficar a qual esperando sua hora, me dava um ar-de-sundade muito. Hoje, eu sinto saber conviver melhor com o sentimento da dúvida. Toda espera é incerta.

Ainda é uma tentação que me acompanha: escrever sundando-me de escrivinhamo, mas, sundando-me sobretudo crises e certas condições. Uma espécie de fotografia rudimentar: uma mulher em sua cama, uma mulher em seu quarto, uma mulher em seu apartamento, uma mulher em seu bairro, uma mulher em seu país. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente. Anotações sobre o que se vê e o que se sente.

Minha escrita é uma tentativa de não esquecer aquilo que sundava. Uma escrita que, de tanto se repetir, acaba por se tornar um exercício de memória. Uma escrita que, de tanto se repetir, acaba por se tornar um exercício de memória. Uma escrita que, de tanto se repetir, acaba por se tornar um exercício de memória. Uma escrita que, de tanto se repetir, acaba por se tornar um exercício de memória. Uma escrita que, de tanto se repetir, acaba por se tornar um exercício de memória. Uma escrita que, de tanto se repetir, acaba por se tornar um exercício de memória. Uma escrita que, de tanto se repetir, acaba por se tornar um exercício de memória.

Afiouro de fotografias nos assaguem sobre o tempo vivido. As gavetas de documentos e os passaportes antigos assinalam nossa existência. Nós os guarda-mos em lugares onde são arcecadas as riquezas, com medo de com cadeado. A memória é um lugar onde guardamos nossos tesouros.

Uma caneta de pena apresenta a tinta já cristalizada no bico - ela brilha, enquanto umgo da escrita.

Lembrança avoa quando quer-se fixar-se. A memória de Nº 4 encicloplédia judeca gravada em ouro na capa, as letras impressas nas lombadas de cada volume, indicando uma ordem precisa: A ALE / AL ELI / ELI ... Ou ainda, Nº 5 - Ciência e Cultura - Ciência e Cultura - Ciência e Cultura